



Comunicação oral: Eixo 4 – Educação Brasileira: recortes históricos

O USO DA METAFORA DENTRO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA COMO MEIO DE INFORMAÇÃO PARA AGIR CONTRA A DITADURA MILITAR NO BRASIL

Antônio Carlos Coqueiro Pereira – IESKS/PY*

Alexandre Rosa – IESKS/PY**

Warley Teixeira Gomes – CAIC/BA***

Vera Belinato – CEBC/BA****

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal discutir o homem e a ideologia etnocentrista na relação de classes a partir do golpe militar; tendo como pano de fundo as músicas de protestos, poesias, peças teatrais escritas com cunho político. Tem como metodologia a revisão bibliográfica com enfoque nas análises do discurso de Michael Foucault e Cleudemar Alves Fernandes. Concluiu-se que as músicas produzidas na ditadura militar no Brasil tiveram cunho importante na questão da informação, de rebeldia contra quem estava impondo uma política de atraso para a maioria do povo brasileiro, contra a tortura, contra o desajuste social em que encontrava o povo brasileiro na educação, na economia financeira, na desigualdade populacional e quanto regional.

Palavras-chave: Ditadura militar. Música brasileira. Análise do discurso.

Introdução

Com o presente Artigo Acadêmico, pretende-se discutir a música popular brasileira na época mais sombria da história social e política do Brasil, onde tudo era censurado pelos órgãos opressores e julgadores do “bem social para a pátria”, mas o que escondiam eram os interesses das classes minoritárias (elite) em relação ao desenvolvimento da maioria que faziam parte da massa trabalhadora, pobre e que galgavam mais respeito e direito de ser valorizado de acordo com a Constituição Brasileira. Foi cortando o direito político, o direito a

*Professor de escola pública da Prefeitura Municipal de Barra da Estiva – BA. Mestrando em Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais pelo Instituto Kire’y São de Educación Superior Grado – Postgrado – IESKS. E-mail: antoniocarloscoqueiro@gmail.com.

**Professor de escola pública da Prefeitura Municipal de Barra da Estiva – BA. Mestrando em Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais pelo Instituto Kire’y São de Educación Superior Grado – Postgrado – IESKS. E-mail: xadjvc@yahoo.com.br.

*** Mestrando em Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais pelo Instituto Kire’y São de Educación Superior Grado – Postgrado – IESKS. Diretor no do Centro Municipal de Educação Professor Paulo Freire - CAIC (BA). E-mail: warleyteo@hotmail.com.

****Mestranda em Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais pelo Instituto Kire’y São de Educación Superior Grado – Postgrado – IESKS. Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2002). Especialista em Magistério Superior, em Gestão do Trabalho Pedagógico: orientação e supervisão escolar, e em Gestão Escolar e Educacional. Membro do Grupo de Pesquisa em Política e Gestão da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio (GEPGEIF). Professora no Centro Educacional Barra do Choça – CEBC/BA. E-mail: v78beli.12@gmail.com.



ter direito, ao senso crítico e por fim, toda forma de liberdade de expressão e de pensamento libertário.

Como seria a melhor forma de expor tudo o que passava dentro da vida social no Brasil, sem ser preso, sem ser torturado, assassinado ou desaparecido? Aí os artistas de vários seguimentos começaram a desafiar os opressores e os que estavam no poder ilegítimo com suas artes, através das formas mais indiretas por meio do uso das metáforas dentro das letras de músicas, de textos teatrais para serem dramatizados, de poemas e poesias e tudo que pudessem levar para aqueles que não tinham acesso às informações dos cenários político nacional. Muitos dos artistas ainda com todo cuidado, foram presos, muitos torturados, exilados, expostos ao ridículo etc.

Os festivais, os centros da dramaturgia, a mídia televisiva e os programas radiofônicos, de forma indireta eram mensageiros de informações para aqueles que necessitavam serem comunicados ou avisados de algo que poderiam acontecer ou que aconteceu. Alguns Artistas como Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil, que recebeu o apelido pelos dirigentes opressores de “negrinho baiano”, Raul Seixas, Zé Keti, Geraldo Vandré e muitos outros artistas tiveram alguma repressão pelos agentes da opressão. Muitos das músicas, que foram feitas da época para serem mostradas ao povo o que aconteciam na época de dourado do chumbo no Brasil, até hoje são cantadas e lembradas em grandes eventos nacionais como símbolo de liberdade contra a opressão.

Teor histórico da ditadura no Brasil

O homem sempre foi um ser cultural e social por natureza instintiva e depois por questões racionais. Mesmo que algumas vezes essas formas racionais sejam intituladas de irracionais ao longo do tempo. Vejam como podemos considerar esses fatos irracionais do passado e que trouxeram fatos racionais para o presente e, nesse caminho não se pode desconsiderar o papel da antropologia mundial no entendimento das consequências do que foi realizado pelo homem em relação a sua formação cultural para ter uma compreensão do bem comum entre as culturas. (TOLEDO, 2004).

Na idade contemporânea, a luta pela ascensão de países europeus com poder de economia social, bélica e de desenvolvimento intelectual frente a países que, por questões geográficas e de outras ordens não tiveram o mesmo desenvolvimento para se sobreporem aos países desenvolvidos, passaram a ter políticas de expansão por meios violentos, agressivos e cruéis. As questões da supremacia sobre o dinheiro e o homem perpassou a idade moderna e veio à tona na Idade Contemporânea, um dos marcos mais importante e cruel e que trouxe de forma irônica o desenvolvimento tecnológico para a destruição em massa e de contrapartida



a o desenvolvimento humano que até hoje está refletindo no nosso dia a dia que foram as duas guerras mundiais.

Pode-se perceber que a ideologia do que pode ser um único fator verdadeiro para a minoria que deseja um bem comum, separado da maioria que não consegue ter um direito conquistado para servir a todos e que não atendem esses propósitos, com truculência, arrogância, uso da máquina militar para sobressair sob aqueles que são maioria e ver amordaçados, reprimidos, foiçados com tendência a serem excluído do mundo da liberdade e isso são caracterizados por ditadura! Ai, vamos retratar como foi à importância da música popular brasileira para enfrentar essas barbaridades opressoras ao povo brasileiro.

A música nos “tempos dourados do chumbo” no Brasil

A temática da Ditadura Militar promulgada por força opressora militar brasileira, período denominado de “Época de Chumbo”, não foi só de chumbo que vivíamos, eram tempos de que o pensar era proibido, o falar envolvia castigos, o criar pedia exílio, o fazer sentia o calafrio das masmorras dos órgãos de repressão da ditadura em São Paulo e Rio de Janeiro, tinha o Fleury. (VILARINO, 2002)

“Os anos dourados do chumbo” fez com que esses anos fossem de brasas, de choques, de pancadas, de tiros, de humilhações e de uma concepção em que faziam tudo isso por bem de um país. Por trás dos militares tinham religiosos, empresários, tinham estudantes disfarçados de comunas, tinham políticos, tinham donos de emissoras de televisão e rádios, pessoas comuns que eram convocados, requisitados por empresa estatal ligada aos opressores para ganhar promoção etc.

Tinham aqueles que se fossem convocados iam sofrer represália pelos opressores chefes da ditadura em não aceitar as propostas seriam, ele e os familiares todos declarados subversivo e por serem acusados de muitas coisas que poderiam ser mortos. Esses anos negros da sociedade, economia e política brasileira foram de extremo período do medo, da desconfiança, da subjugação dos pensantes contra aqueles que queriam fazer do Brasil colônia americana. (NAPOLITANO, 1999).

O comunismo foi tratado como uma praga nacional, o socialismo e era visto como uma disseminação do mal contra o bem opressor. Escolas eram invadidas, faculdades e universidades vigiadas e com telefonias grampeadas, jornais eram fechados ou muitas vezes requisitados para atender os interesses dos opressores, o país virou um barril de pólvora em que muitos desses casos, eram motivos de tortura e morte. A vida do cidadão brasileiro era marcada por incertezas e medo (ALMEIDA, 2009). Temos como exemplo Geraldo Vandré,



Chico Buarque, que teve até a necessidade de trocar de nome para que as suas músicas fossem liberadas pela censura ditatorial da época. (HOMEM, 2009)

Quando Chico Buarque tapeou a censura com “Apesar de você”, ele despertou a ira dos censores, que passaram a vetar, sem mais nem menos, toda e qualquer canção cuja autoria era de Chico. Mas se eles achavam que dessa forma iriam barrar o cantor, estavam muito enganados. Em uma jogada pra lá de esperta, Chico usou um pseudônimo para driblar a implacável censura: Julinho da Adelaide. Foi assim que ele lançou o LP “Sinal Fechado” em 1974 e várias canções que se valiam de metáforas e dos artifícios já mencionados para se referir ao regime e lançar provocações. Uma delas foi “Jorge Maravilha”, cujo verso “*Você não gosta de mim mas sua filha gosta*” chegou a ser interpretado como pirraça ao então presidente Geisel, já que sua filha teria admitido gostar das músicas de Chico. Julinho chamou tanta atenção que Chico chegou a dar entrevista para o jornal Última Hora incorporando o personagem – vale a pena ler [aqui](#) o depoimento do jornalista e escritor Mário Prata sobre o episódio. (GAZETA DO POVO, 2017).

Muitos artistas que fizeram da sua arte um instrumento feroz contra a ditadura militar e os anos “Dourados do Chumbo” que eram comediantes, poetas marginalizados pela lei do chumbo, instrumentistas, cordelistas, compositores, cantores, etc. (GASPARI, 2002). A época Dourado do Chumbo contribuiu para um retrocesso artístico, mas aqueles que resistiram, fizeram com qualidade. A espada aparecia em forma de poemas e a lança eram as melodias e campos de batalha eram os festivais e os shows. (FOUCAULT, 2000).

A arte e a ditadura militar

Qual foi o papel dos cantores e compositores na defesa e denuncia dessas barbaridades no regime opressor de 1964? Certamente um papel de anúncio do que deveria acontecer para o enfrentamento das barbaridades – a denúncia, ainda que em metáforas.

Muitas metáforas foram usadas em letras de músicas, tendo dois sentidos no que o autor estava querendo dizer sobre a situação política em que estava vivendo no Brasil. Muitas composições foram vistas como um lamento do povo para o regime ditatorial que faziam com que as cabeças pensantes não tivessem a liberdade. As palavras de duplo sentidos fizeram com que o povo tivesse mais conhecimento sobre o golpe militar de 1964 em que imperava os anos dourados de chumbo. As letras das músicas tinham vários propósitos, vamos analisar o trecho da música de Ivan Lins e Victor Martins onde tina essa mensagem “Avisa ao formigueiro, vem aí tamanduá”, pois tem um tom de um aviso para que os que lutavam contra o golpe, estivessem atentos, pois a qualquer horas poderiam aparecer os milicos (os policiais de Fleury). (WORMS, 2002).

O crescimento e a difusão da música popular brasileira para o mundo!

Na década de cinquenta, com a descoberta pelos americanos da música brasileira no nome de Tom Jobim, João Gilberto e com a crescente desenvoltura de Carmem Miranda com a propagação do seu talento através dos filmes produzidos pelo Studio Disney que fez da sua música temas de longas e curtas metragens, houve maior atenção em suas mensagens. Alguns anos depois, na década de sessenta e setenta, a nossa música sofre uma pancada dura que foram as censuras feitas por líderes do regime ditatorial em querer que as mensagens poéticas fossem ouvidas e atendidas pelo clamor de nossas letras e poesias, contando as atrocidades que estavam acontecendo no Brasil. Aí entram as metáforas, o entendimento do discurso ou a análise do discurso de cada poesia, poema ou mesmo contexto musical em alerta ao povo o perigo da ditadura no Brasil. Começou a mostra o poder dos Anos Dourados do Chumbo na arte e na cultura brasileira. (HOMEM, 2009)

Os festivais foram restringidos à emissora televisiva que apoiava de forma indireta a ditadura, personagens do meio musical foram sendo vigiados com intensão de exílio e de até banimento do país e por incrível que pareça, foram os tempos em que mais a música brasileira teve grandes qualidades e que os artistas eram reconhecidos como cabeças pensantes desse país. (BOURDIEU, 1996)

A música brasileira teve muitos reveses na trajetória histórica desse país, pois foi uma ferramenta primordial na abordagem do sofrimento do povo, desde as sagas nordestinas com o sofrimento por não ter uma política de afirmação para o seu povo e nem pelo espaço geográfico de acordo com a sua localização no Brasil, também a música foi uma suplica para a questão social e econômico de quem procurava um lamento para esquecer as suas adversidades de vida do povo e também foi uma forma de esconder os pensamentos libertários e igualitários nas suas metáforas.

O que é a análise do discurso?

Na época dos anos dourados do chumbo, o índice de analfabetismo era muito grande, o acesso dos jovens nas universidades públicas era pequeno por não ter uma política pública de afirmação do pobre, do negro, do indígena e principalmente da questão econômica do brasileiro e o acesso a essas instituições públicas eram para minoria elitista e para os filhos da nobreza econômica do Brasil. Aqueles poucos que conseguiram entrar nessas instituições públicas começaram a se rebelar contra as injustiças sociais dentro das universidades, faculdades, escolas secundaristas, nos centros educacionais religiosos e começaram a usar a cultura como a arma principal para mostrar e sensibilizar povo o que realmente estava acontecendo politicamente no Brasil. Foram armas importantes, mas nem sempre teve uma



compreensão efetiva pelo povo, porque as maiorias das metáforas usadas não eram compreendidas pelo povo por ter um acesso difícil à educação, à impossibilidade de muitas vezes os ingressos nas universidades e faculdades e colégios de renome públicos. Assim podemos mencionar como foi importante a análise do discurso dentro da ditadura militar no Brasil. (FERNANDES, 2018)

Análise do Discurso não pode ter uma característica de querer impor algo, tem que ter uma característica libertaria ideológica no seu contexto interpretativo ou pode ser algo de vinculação de perpetuação ideológico para quem tem não tem a sensibilidade de ver, ler e compreender o que realmente está sendo observado, o que está sendo lido e a dupla interpretação para quem está usando as formas de análise do discurso para compreender o que está no seu campo de atuação (FERNANDES, 2018), logo:

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos lingüísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real. (FERNANDES, 2018).

A análise do discurso não é uma língua, nem um texto, nem uma fala, para analisar é preciso elementos lingüísticos existenciais para ser compreendido e interpretado na sua essência do que está sendo anunciado. Refere a fatos sociais ou ideológicos em que está dentro do contexto em que necessita ser analisado dentro de um enunciado ou do que está sendo mostrado ou encenado. É uma forma de demonstrar de forma consciente o que pode ser inconsciente para alguns elementos envolvidos dentro do contexto social.

Assim, posso associar a Análise do Discurso às produções que faziam os compositores, os cantores com suas canções de protesto ou de informações, poetas com suas poesias, os teatrólogos com suas peças escritas, tanto cômicas ou de drama e demais seguimentos artísticos da época produzidos referindo a situação triste em que passava o Brasil. Em várias obras literárias em que relaciona a Análise do Discurso e até mesmo na sua Ordem do Discurso, vemos uma ferramenta importante para combater injustiça e levar ao público esses fatos que aconteciam.

Infelizmente, a questão educação escolar da época não favorecia tal eficácia no propósito dos enunciados vinculados pelos artistas. Tudo isso pela ganancia do poder, do privilégio que cortavam do povo ter uma política econômica, social, educacional e uma igualdade dos



direitos judiciais para todos. A ditadura deixou bem claro que o seu regime principal era o capitalismo e de interesse de perpetuar a ganância de quem estava no poder. (FERNANDES, 2018), assim:

Analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma de texto; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagens. Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam. (FERNANDES, 2018).

A fórmula de enganar o povo ideologicamente através do discurso na época foi a forma como era evidenciados nas redes sociais e nas oportunidades públicas sociais que aconteciam na época. Em mil novecentos e setenta, teve a conquista da copa do mundo, usado pelos órgãos opressor como uma das maravilhas conquistadas pelos órgãos opressores que estavam no governo, à mídia tanto televisiva ou radiofônica dava como mérito o governo, outro fato importante foi à obrigatoriedade de produzir música enaltecendo a pátria naquele momento e essas músicas eram tocadas frequentemente nas mídias, outra foi à armação do atentado do Rio Centro em que os militares colocavam os que combatiam a ditadura como os culpados e mandantes do tal ato. Foi divulgado constantemente nas mídias e que levava o povo contra quem fosse contra as formas de governar dos generais. Nesse contexto, venho abordar a análise do discurso como ferramenta principal nos combates informativos dos nossos artistas da época. (HABERT, 1996).

Considerações finais

O homem sempre buscou de forma individual ou em grupo ratificar seu poder dentro de uma conjuntura social com o uso da sapiência, do jogo da oralidade, do jogo da manipulação e por último da força opressora. Esses fatos tem início desde o homem primitivo e foi evoluindo durante Séculos e mais Séculos até chegar nos dias atuais. Tivemos massacre em massa de povos, tivemos destruição e desenvolvimento de armas destrutivas que não escolhiam quem matar e quem deveria morrer, tivemos avanços tecnológicos através desses atos e o que mais vem entender é que o homem sempre teve uma visão gananciosa do poder no mundo. No Brasil não foi diferente, tivemos massacres e escravidão de índios, tivemos escravidão e massacres de negros, tivemos forças opressivas políticas durante o período colonial e republicano e até chegar a um extremo humilhante que foi a ditadura militar de mil novecentos e sessenta e quatro, onde tivemos massacre no Araguaia, onde tivemos torturas de jovens, mulheres homens e idosos, onde tivemos torturas psicológicas com lavagem cerebral, onde



tivemos mortes com reconhecimento e mortes que ainda hoje não são reconhecidas e por último das humilhações e selvageria é ter pessoas desaparecidas que não sabe se está vivas ou mortas.

Quem combatia essas atrocidades dentro das escolas, universidades, faculdades, nos sindicatos eram pessoas comuns que não tinha conhecimento de aparatos militares (armas) e não tinha poder econômico e nem estrutural para enfrentar de igual para igual os ditadores e aqueles que os seguiam. Uma das ferramentas utilizadas como mecanismo de informação para o povo, era as músicas produzidas sobre versos e poemas de cunho de protestos, com metáforas dirigidas exclusivamente para o povo e muitas vezes sendo censuradas e seus produtores sendo presos, torturados, desaparecidos, levados para condições sub-humanas e humilhantes, banidos, exilados e sendo constantemente vigiados pelos órgãos opressores do governo da ditadura.

Neste contexto, esse trabalho acadêmico vem mostrar como as músicas produzidas na ditadura militar no Brasil tiveram cunho importante na questão da informação, de rebeldia contra quem estava impondo uma política de atraso para a maioria do povo brasileiro, contra a tortura, contra o desajuste social em que encontrava o povo brasileiro na educação, na economia financeira, na desigualdade populacional e quanto regional. A música foi uma das armas mais eficazes dentro do regime dos “Anos Dourados do Chumbo” no Brasil.

Referências

ALMEIDA, C.S. et al. *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*. 2.ed. revista, ampliada e atualizada. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BERNARDO, C.J. *A MPB como recipiente de protestos contra a ditadura militar: as metáforas, carregadas de vozes contra o regime autoritário*. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9. ed. São Paulo, Campinas: Papyrus, 1996.

BRASIL. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório / Comissão Nacional da Verdade*. – Brasília: CNV, 2014. 976 p. – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1), 2014.

CAROCHA, M.L. *Pelos versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007

DUARTE, G.R.; GONZALEZ, E. Pensando a América Latina: Música popular, política e ensino de história. In CERRI, L.F. (org.) *Ensino de Histórias e educação: olhares em convergência*. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

FERNANDES, C.A. A constituição da análise do discurso na linguística. In: FIGUEIREDO, C.A. et al. (orgs.). *Lingua(gem): Reflexões e Perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. (p. 33-46).



- FERNANDES, C.A. História e Lingüística: formação e funcionamentos discursivos. In: FERNANDES, C.A.; SANTOS, J.B.C. *Análise do Discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: EntreMeios, 2004. (p. 43-70)
- FERNANDES, C.A. Terra: um Signo Plural. In: FREITAS, A.C.; CASTRO, M.F.F.G. *Língua e Literatura – ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2003. (p. 109-122).
- FERNANDES, C.A. *Interação social e formação discursiva no movimento de luta pela terra*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. (mimeo).
- FERNANDES, C.A. Os sujeitos e os discursos na História. In: FERNANDES, FERNANDES, C.A. et al. *Sujeito, identidade e memória*. Uberlândia: EDUFU, 2004 (Linguística in Focus) (p. 108-119).
- FERNANDES, C.A.; ALVES JR., J.A. Mutações da Noção/Conceito de Sujeito na Análise do Discurso. In: *III Seminário de Pesquisas em Análise do Discurso – Sujeito e Subjetividade*. Uberlândia: UFU, 2008.
- FERNANDES, C.A.; FERREIRA, L.C. Discursos em confronto veja e bundas, o mst em questão. In: GREGOLIN, M.R. et al. (Orgs.). *Análise do discurso: entornos do sentido*. São Paulo: Cultura Acadêmica / Araraquara: UNESP-CAr – Laboratório Editorial, 2001.
- FERNANDES, C.A.; FERREIRA, L.C. Terra no discurso do sem-terra do triângulo mineiro: aspectos estilístico-discursivos. In: *Letras & Letras*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, V. 15, N. 2, jul./dez. 1999. (p. 1928).
- FERNANDES, C.A. *(Re) tratos discursivos do sem-terra*. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M.B. *Ditos & Escritos V – Michel Foucault: ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2000.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 5ª Ed. Edições Loyola. São Paulo. 1996.
- GABRIEL, G.C. *A recepção das músicas de Chico buarque na ditadura militar: o universo feminino não cala, fala!* PUC/RGS: 2005.
- GASPARI, E. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 155. 10 Idem, p. 155-156.
- HABERT, N. *A década de 70*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1996.
- HOMEM, W. *Histórias de canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya, 2009.
- MACEDO, J.R.; OLIVEIRA, M.W. *Brasil uma história em construção*. São Paulo: Editora do Brasil, 1996.
- NAPOLITANO, M. *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na trajetória da música popular brasileira (1959/1969)*. São Paulo: USP, 1999.
- PALMAR, A. *Canções de Chico Buarque no contexto da ditadura militar*. Disponível em :<http://www.documentosrevelados.com.br/geral/as-cancoes-de-chico-buarque-no-contexto-da-ditadura-militar>. Acesso em: 20 out.2019.
- PINHEIRO, M. *Cale-se: a MPB e a ditadura militar*. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2010.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola. Editorial, 2009.

SADER, E. *Um rumor de botas: A militarização do Estado na América Latina*. São Paulo: Pólis, 1982.

SERRAZES, K.E. *Fundamentos e métodos do ensino de história*. Batatais: Ação Educacional Claretina, 2013.

TINHORÃO, J. R. (1978). *Pequena história da música popular*. Petrópolis: Vozes.

TOLEDO, C.N. *O Governo Goulart e o Golpe de 64*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-287.

VILARINO, R. C. (2002). *A MPB em Movimento: Música, Festivais e Censura*. 4 a . edição. São Paulo: Olho D'Água.

WORMS, Luciana Salles & COSTA, Wellington B. *Brasil século xx ao pé da letra da canção popular*. Curitiba: Nova Didática, 2002.



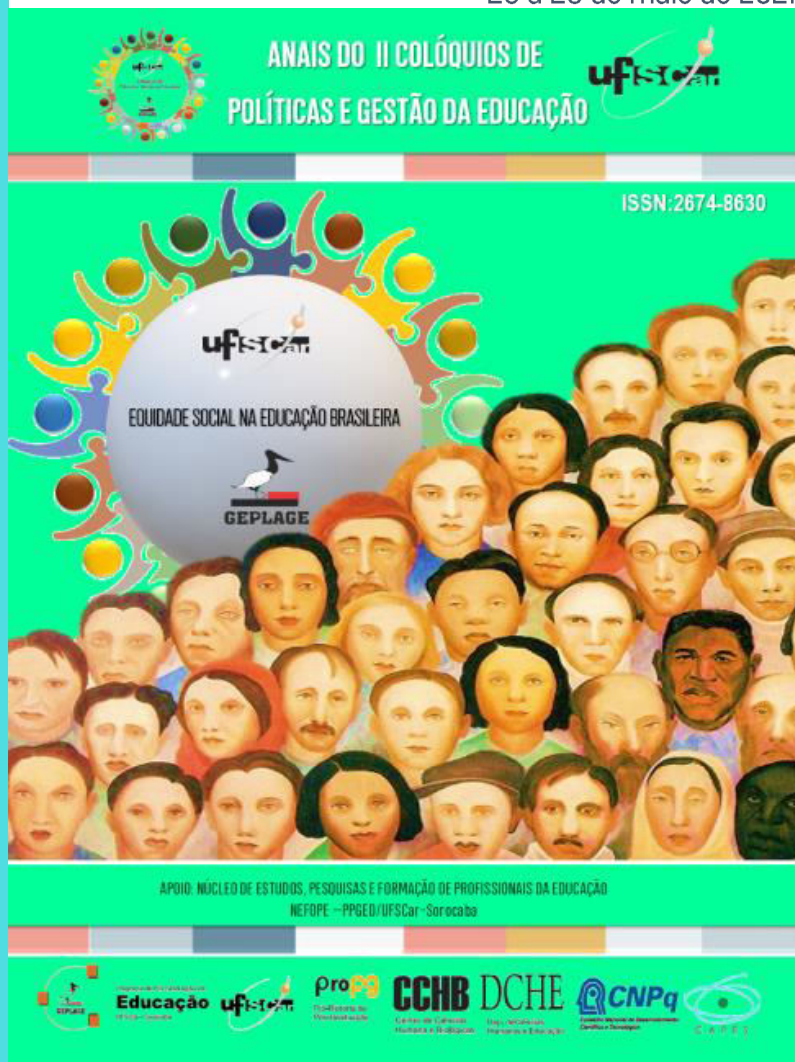
2021 Coloque em sua Agenda
Vou pra Sorocaba - SP

FOI MARAVILHOSO CONTAR COM VOCÊS EM NOSSO EVENTO – AINDA QUE DE FORMA REMOTA. ESPERAMOS VOCÊS NO II COLÓQUIOS DE 25 A 28 DE MAIO DE 2021.

II COLÓQUIOS DE POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

Equidade social na educação brasileira

25 a 28 de maio de 2021



<https://doity.com.br/ii-colquios-de-politicas-e-gesto-da-educacao>

Informações:

geplageufscar@gmail.com

What



<https://doity.com.br/ii-colquios-de-politicas-e-gesto-da-educacao>